

A ANÁLISE DE TRAJETÓRIAS ENQUANTO MÉTODO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Cristian Sparemberger¹, Marjorie Reis Muller²

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política – UFSC.

² Doutoranda pelo Programa De Pós-Graduação Meio Ambiente E Desenvolvimento – UFPR.

INTRODUÇÃO

A metodologia da história de vida se estabeleceu como método epistemológico nas ciências sociais a partir da década de 1920, com os estudos da denominada Escola de Chicago. Nominado também análise de trajetórias, o método consiste em analisar biografias, textos de histórias de vida e entrevistas objetivando verificar determinados fenômenos sociais a partir da história e da percepção dos indivíduos a respeito de sua própria trajetória. Nesta direção, o método representa um modo de observação complexo no contexto dos fenômenos sociais, podendo explorar as circunstâncias, os contextos e os espaços nos quais os indivíduos desenvolveram suas vidas. Tendo como ênfase o método de história de vida (ou análise de trajetórias), o presente estudo objetiva realizar uma breve apresentação de determinadas questões epistemológicas referentes ao tema. A partir do método de revisão bibliográfica, exploramos o assunto bibliograficamente para positivarmos um conteúdo pertinente ao debate epistemológico abordado. A divisão de nosso trabalho é tripartite, inicialmente elencamos cuidados metodológicos que pesquisas que englobam o método história de vida devem adotar, para em segundo momento demonstrarmos os fins da análise de trajetória enquanto método nas ciências sociais. Por fim, apresentamos a crítica de Bourdieu concomitantemente com as implicações metodológicas que ela conferiu ao método de trajetórias de vida.

1. QUESTÃO DE MÉTODO: A INTERRELAÇÃO ENTRE RECORDAR E NARRAR

Rosenthal (2014) comenta alguns dos cuidados metodológicos que devemos considerarmos ao aplicarmos métodos fundamentados em trajetórias de vida. A autora ressalta a diferença fundamental entre as percepções atuais e as percepções construídas no passado, referentes a como o narrador compreende a sua história vida, sendo que as percepções hodiernas podem ter passado por metamorfoses em ressonância aos presentes anteriores, um vez que os processos descritivos referentes as vivências do narrador, a participação da lembrança e a interrelação com o campo com o qual o indivíduo se interrelacionou são capazes de ocasionar modificações na descrição de uma história. Tal fenômeno ocorre pois “nem toda narração de

uma vivência feita pela própria pessoa se baseia num processo de recordação que ocorre durante a narração” (ROSENTHAL, 2014, p.230) e existe a possibilidade de determinados pontos de uma história serem construídos, modificados ou acrescentados de acordo com as experiências interativas realizadas anteriormente ou, até mesmo, quando a narrativa é construída.

Por causa dessas diferenças entre vivenciar, recordar e narrar ou falar ou também escrever, na análise de autoapresentações biográficas precisa-se fazer uma diferenciação analiticamente cuidadosa entre as situações vivenciadas no passado, as modificações desses passados vivenciados nas diversas fases da vida, os processos recordativos no presente da narração, a moldagem linguística e comunicacional bem como os enquadramentos interativamente produzidos da situação narrativa (ROSENTHAL, 2014, p.232).

A autora afirma que uma pesquisa baseada em vidas narradas precisa distinguir entre o passado vivenciado, o narrado e os significados de uma narração. Tendo como ponto basilar as indagações previamente elucidadas, Rosenthal propõem um enfoque metodológico capaz de demonstrar “como as construções sociais surgiram, reproduziram-se repetidamente ou mudaram em sua interação com as experiências concretas dos agentes e os discursos sociais atuantes em diferentes momentos” (ROSENTHAL, 2014, p.228). Como método para realização de determinada distinção, a cientista social propõem que inicialmente seja realizada uma listagem cronológica dos fatos referentes a trajetória abordada, pois essa “listagem [...] abreviada das etapas biográficas serve para dar o primeiro passo analítico, a saber, a análise sequencial dos dados objetivos ou biográficos” (ROSENTHAL, 2014, p. 235), sendo que a partir da linhagem cronológica “perguntamos até que ponto a apresentação concreta em cada caso se deve à situação da entrevista e/ou à situação de vida atual e até que ponto ela chega a remeter a relevâncias biográficas no passado”, para assim formularmos hipóteses referentes aos significados conferidos na história contada pelo narrador (ou entrevistado). Para cada uma “das hipóteses são propostas novamente hipóteses subsequentes sobre a possível continuidade que pudesse estabelecer uma conexão com o que precedeu, isto é, neste caso, sobre possíveis versões para uma continuação plausível do texto da entrevista” (ROSENTHAL, 2014, p. 239).

Com essas diversas hipóteses, demonstro estruturalmente as diversas variantes de leitura que temos de explorar em cada autoapresentação biográfica para fazer jus às interações entre a perspectiva do presente, o passado vivenciado, as perspectivas em relação ao passado, que se transformam ao longo da vida, e os diversos discursos a elas associados (ROSENTHAL, 2014, p. 240).

A autora afirma que devemos, a partir da reconstrução da história de vida, questionarmos, em associação as hipóteses formuladas, o significado biográfico da vivência.

Somatizando a isto, necessitamos compreender as histórias de vida inseridas nos campos e nos temas nos quais elas desenrolaram-se concomitantemente com os campos temáticos da época passada e do presente, considerando os interesses e as formulações do interlocutor. Deste modo, poderemos compreender, metodologicamente, até que ponto a construção, realizada no presente, de uma vivência passada, correspondente a um interesse de sua apresentação no presente e como esse interesse se relaciona ou se relacionou com as descrições do entrevistado, tanto no presente quanto no passado. Considerando essas medidas cautelares e profiláticas, o método de história de vida oferece potencial para oferecer respostas inclusive quando aplicado a histórias fictícias ou inventadas, pois essas histórias apresentam um determinado teor de facticidade ao oferecerem interpretações em relação as aspirações vigentes e, até mesmo, possibilitam diagnósticos e interpretações a partir de indícios de um passado negado.

2. OS FINS DA ANÁLISE DE TRAJETÓRIA COMO MÉTODO EPISTEMOLÓGICO

No contexto epistemológico das ciências sociais o método de pesquisa em história de vida não deve ser compreendido apenas mais um dado da ciência, como uma autobiografia ou como uma ficção, pois ele orienta-se em dirigir uma narrativa para os termos pertinentes ao cientista e à ciência. O método de história de vida move-se em consonância com outras evidências históricas disponíveis, conferindo uma importância maior a *interpretação dos comportamentos pelos atores sociais* em relação aos *próprios comportamentos em si*.

Para entender por que alguém tem o comportamento que tem, é preciso compreender como lhe parecia tal comportamento, com o que pensava que tinha que confrontar, que alternativas via se abrirem para si; é possível entender os efeitos das estruturas de oportunidade, das subculturas delinquentes [sic] e das normas sociais, assim como de outras explicações comumente evocadas para explicar o comportamento, apenas encarando-as a partir do ponto de vista dos atores (BECKER, 1994, p.103)

A história de vida, além de abarcar a interpretação dos atores sociais, pode ser estruturada de modo que estudos individuais sejam interpostos em formato de mosaico, no qual cada peça particular estabelece bases empíricas para a compreensão de um contexto geral. “A imagem do mosaico é útil para pensarmos sobre este tipo de empreendimento científico. Cada peça acrescentada num mosaico contribui um pouco para nossa compreensão do quadro como um todo” (BECKER, 1994, p.104). Deste modo, quando histórias de vidas segmentadas passam ser a interrelacionadas entre si, elas conseguem fornecer tanto bases empíricas para



compreendermos uma estrutura geral da sociedade assim como um exemplo negativo, que possui a capacidade de falsificar teorias sociais.

Mais importante ainda, o exemplo negativo responderá às análises cuidadosas, sugerindo a direção que a pesquisa deve tomar. A investigação de suas características revelará atributos que se diferenciam dos existentes naqueles exemplos que poderiam ser vistos como semelhantes, ou de processos em curso cujas etapas não foram completamente compreendidas se conhecermos o caso em algum detalhe, como um documento de história de vida nos permite conhecer, nossa pesquisa terá mais chances de ser bem-sucedida; é neste sentido que a história de vida é útil como pedra de toque teórica (BECKER, 1994, p. 108).

A análise de trajetórias, como método de construção do conhecimento, por captar singularmente aspectos referentes aos indivíduos, fornece uma visão do lado subjetivo de processos institucionais, abastecendo a capacidade de verificação de pressupostos empíricos que comumente não são verificados. “Assim, é por conferir uma base realista à nossa imagem do processo subjacente que a história de vida serve aos propósitos de verificar pressuposições, lançar luz sobre organizações e reorientar campos estagnados” (BECKER, 1994, p.110-111).

3. BOURDIEU E A CRÍTICA AO MÉTODO HISTÓRIA DE VIDA

No desenvolvimento epistemológico do método de histórias de vida, a crítica de Bourdieu ao método, na totalidade epistemológica francesa da década de 1980, auferiu significativa relevância no cenário das ciências sociais. O sociólogo enfatizou a incapacidade – dos estudos prévios realizados a partir do método de história vida – em situar as trajetórias *vis-à-vis* as matrizes das relações subjacentes alicerçadas em uma trajetória. Nas palavras do autor:

Tentar compreender uma vida como uma série única e suficiente em si mesma de eventos sucessivos sem outra ligação que a associação a um “sujeito” cuja constância é apenas aquela de um nome próprio é quase tão absurdo quanto tentar explicar um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, ou seja, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações (BOURDIEU, 2005, p. 81).

Para o sociólogo francês, os fatos biográficos definem-se como alocações e deslocamentos no espaço social, ou seja, mais precisamente “nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição dos diferentes tipos de capital que estão em jogo no campo considerado” (BOURDIEU, 2005, p.81-82). A crítica de Bourdieu focaliza na necessidade de um esforço sociológico no método em situar uma trajetória de vida nas condições de existência subjacentes a essa trajetória, ou, em outras palavras, na incapacidade do método de história de vida, quando focalizado exclusivamente em trajetórias, em apresentar respostas científicas

significativas. Deste modo, as trajetórias de vida, assim como o trajeto de um trem, oferecem problemas metodológicos quando analisadas isoladamente. Bourdieu, em sua crítica direcionada ao método de trajetórias de vida, desconsidera a compreensão da narração do indivíduo que narra e interpreta a sua história. Nesse sentido, os significados de uma narração, enquanto material empírico de pesquisa, jamais devem ser negados por qualquer cientista social. Talvez Bourdieu, por ter publicado *A Ilusão Biográfica* no contexto de um debate epistemológico com seus contemporâneos, tenha apresentado uma perspectiva excessivamente dura em relação a um método que, além de ser um material significativo na construção do conhecimento, oferece diversas finalidades, aplicações e explicações para realidade social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Longe de esgotar o debate epistemológico a respeito dos métodos fundamentados em trajetórias de vida, nosso estudo procurou sistematizar alguns dos axiomas centrais do método. As metodologias de pesquisa baseadas em histórias de vida possuem procedimentos rígidos concomitantemente com fins variados nos contextos das ciências sociais. Salientamos que o método apresenta a faculdade de demonstrar a percepção individual de um sujeito a respeito de sua própria trajetória, servindo aos fins interpretativos da sociologia. O gênero biográfico, por ser adjetivado pela interpretação, envolve o estudo da compreensão da relação entre indivíduo e sociedade localizados em um espaço e tempo dessemelhantes ao momento no qual uma narração ocorre. Ademais, a interpretação da narração é produzida pelo cientista social, questão que potencializa um quadro interpretativo e não uma verdade absoluta, acarretando ao mesmo tempo em desafios e possibilidades para construção do conhecimento.

Palavras-chave: Análise de trajetória. Bourdieu. Método sociológico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECKER, H. A história de vida e o mosaico científico. In: BECKER, H. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1994.
- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus, 2005.
- ROSENTHAL, G. História de vida vivenciada e história de vida narrada: a interrelação entre experiência, recordar e narrar. **Civitas – Revista de Ciências Sociais**, v. 14, n. 2, 2014.